

JAC LEIRNER – OBSESSÃO E MUSEUS

293

Pedro Ernesto Freitas Lima*
Universidade de Brasília

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



Jac Leirner, Cantos, 2014, níveis de precisão sobre parede, 160 x 150 cm;
Foto: Museo Tamayo, México.

* Mestrando em Teoria e História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília. Bacharel em Desenho Industrial pela mesma instituição com habilitações em Programação Visual e Projeto de Produto.

A obsessão parece ser um componente importante da arte. Ao longo de sua história, ela tem se apresentado com diferentes objetivos: obsessão por narrar histórias sagradas de maneira inteligível, pela imitação da realidade, pela concretização de utopias, pela subversão das instituições artísticas. A obra de Jac Leirner (1961-) origina-se da obsessão pelas práticas de colecionamento e de ordenação. Sua formação na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) teve ênfase em teoria das cores e na técnica da aquarela. Mas em *Inacabável (roda sobre roda)* de 1982 a artista realiza o que se tornaria sua característica mais evidente: a reunião e ordenação de objetos retirados do cotidiano, os quais sofrem processos simultâneos de perdas e ganhos de novos sentidos. Em *Inacabável*, materiais como feltro, vidro, alumínio, couro, borracha, plástico, papel e espuma são empilhados em torno de um eixo vertical. O título da obra ganha ares proféticos.

Diversos objetos prosaicos ganham seu interesse: maços de cigarro, cédulas de dinheiro, sacolas plásticas, cinzeiros de interior de avião, envelopes, cartões de visitas e outros. Esses objetos constituem sua obra que é realizada na forma de extensas séries, muitas delas são simultâneas umas às outras. A título de apresentação, podemos compreender a obra de Jac a partir de três momentos distintos que aqui serão identificados como dissecação do objeto, provocações museais e exposição da exposição.

Em um primeiro momento, as séries *Pulmão* (1987-89), *Os cem* (1987-89) e *Nomes* (1989-93) se ocupam de maços de cigarro, cédulas de cruzeiro e sacolas plásticas respectivamente. Esses objetos são dissecados e ordenados de maneira exaustiva. Os maços de cigarro são desagregados em suas partes constituintes, que dão origem a vários objetos, ou esculturas, como Jac prefere nomeá-los. As embalagens de cartão são planificadas e enfileiradas, originando um arco vermelho e branco (trata-se de embalagens Marlboro) suspenso na parede; os lacres de abertura são aglomerados em um emaranhado informe; os papéis metalizados do interior da embalagem são empilhados, assim como o celofane do exterior, cuja fragilidade é protegida por uma caixa de acrílico. Já as cédulas, assim como as sacolas, não são desmembradas, mas ordenadas de diversas formas levando em consideração diversos critérios. Algumas obras são cédulas enfileiradas e atravessadas por cabos de aço, ganhando uma configuração maciça e dispostas no chão de forma serpenteante. Outras são painéis onde as notas são costuradas e dispostas obedecendo a classificações de natureza cromática ou temática. Alguns painéis são feitos levando em conta os tipos de inscrições e grafismos feitos nas cédulas (temas infantis, pornográficos, caracterização das efígies como velhos, diabos, entre outros). Lembremos que se trata de cédulas do período da hiperinflação brasileira dos anos 1980, onde o dinheiro perdia rapidamente seu valor. Em *Nomes*, as sacolas plásticas são recheadas com poliéster e costuradas umas as outras, reunidas segundo semelhanças cromáticas, formais ou levando em consideração o tema das marcas impressas nas mesmas.

Em um segundo momento, as obras se apropriam de objetos que fazem parte dos circuitos artísticos e que geralmente não são evidenciados nos espaços expositivos, tais como a troca de correspondências entre instituições, a produção de etiquetas de identificação e a circulação dos diversos agentes do circuito de arte. Trata-se das séries *To and from* (1991-99), *Etiquetas* (1991) e *Foi um prazer* (1997). Em *To and from*, Jac pede a museus e galerias onde vai expor que guardem seus envelopes de correspondências recebidas. A artista então

cria dois tipos de objetos com esse material: ou os enfileira levando em conta critérios de tamanho e de formato, trespassando-os por cabos de aço; ou os aglomera e os envolve por fita adesiva. Em *Etiquetas*, painéis são formados por etiquetas de identificação das obras dos acervos dos próprios museus onde essa série é exposta, ordenadas de acordo com a densidade de linhas impressas nas mesmas. Cartões de visitas de profissionais dos circuitos da arte, ordenados por diversos critérios como famílias tipográficas ou características formais dos logotipos impressos, são expostos na forma de linhas paralelas ao chão em *Foi um prazer*. Essas obras parecem indicar a existência de rumores existentes nos meandros dessas instituições, os quais não conseguimos significar com clareza. Jac chega a dar indícios do que seriam, mas não os revela totalmente, mantendo um mistério pairando entre o público e os espaços museais.

Finalmente, temos obras que comentam o próprio ato expositivo. Na mostra *Harware seda – Hardware silk* (2012), Jac realiza obras com materiais empregados em montagem de exposição de arte, como cabos de aço, ferragens, níveis de precisão, argolas, tubos plásticos e metálicos, porcas e extensores. Alguns títulos nos remetem de maneira irônica aos lugares-comuns das instituições da arte, dos discursos expositivos e do processo de colecionamento, tais como *Coleção particular*, *Retrato* e *Dimensões variáveis*. Essas obras evidenciam como o espaço expositivo é constituinte do fazer artístico de Jac.

Em cada um desses momentos, Jac parece elaborar uma nova charada para os espaços museais, os quais se veem desconcertados na medida em que são estimulados a refletir sobre o enigma. Há uma subversão de valores e de hierarquias quando os objetos prosaicos, sejam do cotidiano ou sejam dos meandros museais, acabam sendo levados ao patamar de preciosidade, o que é uma provocação à capacidade legitimadora das instituições museais e do público.

Texto recebido em julho de 2014